

REPORTAGEM ESPECIAL



Criança acompanha grupo de usuários na Rua Dukla de Aguiar, na Enseada

FERNANDO MADEIRA

DRAMA NAS RUAS CRACOLÂNDIA: ATÉ QUANDO?

Há cada vez mais grupos de usuários na Grande Vitória

✎ **TATIANA MOURA**
tmoura@redgazeta.com.br

Em cidades pequenas ou nos grandes centros, em municípios subdesenvolvidos ou com economia aquecida... A realidade comum é que nas áreas onde o consumo de crack é rotina o problema está longe de ser resolvido.

Muito mais do que criar um cenário triste nas cidades, o crack acaba com vidas e sonhos, e reforça a dúvida sobre até quando a população vai conviver com as chamadas cracolândias.

Na Grande Vitória, dia após dia elas se multiplicam. Levantamento realizado pelas prefeituras de Vitória, Serra, Vila Velha e Cariacica, mostra que já são cerca de 224 usuários de crack espalhados na região.

Na última sexta-feira, a reportagem esteve na Rua Dukla de Aguiar, na Enseada do Suá, na Capital, às 18h, horário de grande fluxo de carros e pedestres, mas nada disso impedia que um grupo de cerca de 15 pessoas fumasse crack.



FERNANDO MADEIRA

Viciados usam crack próximo a um hospital particular na cidade de Vila Velha

Acompanhando os usuários estava uma criança de aparentemente 10 anos.

A situação é semelhante na região da Vila Rubim, no Centro de Vitória, na Rua Construtor Vitorino Teixeira. “Sempre foi assim. E só piora”, conta um comerciante.

De acordo com a presidente da associação de moradores do bairro, Elizabeth do Carmo Vieira, os comerciantes trabalham apavorados. “Já está passando da

hora de as autoridades competentes tomarem providências”, desabafa.

Na Serra, cerca de 50 pessoas, entre moradores de rua e usuários de drogas, ocupam uma calçada, no bairro Rosário de Fátima. Outro ponto de concentração é no entorno da Praça Encontro das Águas, em Jacaraípe.

Em Vila Velha, o problema ocorre, por exemplo, embaixo da Terceira Ponte, na Praia da Costa, e próximo

a um hospital particular, em Divino Espírito Santo. “Da minha casa eu vejo eles usando drogas”, conta um morador da Praia da Costa.

Em Cariacica, as concentrações estão na alça da Segunda Ponte, sentido Vitória; próximo ao viaduto da Ceasa e em Campo Grande, atrás de um supermercado.

PROBLEMA

Para o especialista em segurança pública e privada

PREJUÍZO

“As pessoas acabam tendo preconceito de vir comprar na Vila Rubim”

X. COMERCIANTE DA VILA RUBIM QUE NÃO QUIS SE IDENTIFICAR

UNIÃO

“Enquanto os governos não se unirem, o uso de crack tende a crescer”

JORGE ARAGÃO
ESPECIALISTA
EM SEGURANÇA

Jorge Aragão, o uso de crack na Grande Vitória já extrapolou todos os limites. “Temos cracolândias até a hora que os governos municipais, estadual e federal se conscientizarem que isso é uma doença, um problema social, e não um caso de polícia.”

Aragão alerta que é preciso unir as forças para tratar o problema. “Hoje há um jogo de empurra entre os governos. Os três (municipais, estadual e federal) têm que agir em conjunto, cada um na sua esfera, não adianta atuarem de forma isolada. Vemos muito discurso, mas não vemos atuação”, diz.

O especialista pontua que

o alastramento dos usuários nas ruas da Grande Vitória se deve à fácil oferta. “E o crack destrói os neurônios e causa dependência rapidamente, sair dele depende muito da força de vontade da pessoa. Temos exércitos de zumbis nas ruas. Enquanto os governos não se unirem o uso de crack tende a crescer”

Em nota, a Polícia Militar ressaltou que a situação é uma questão de saúde pública e social, por isso apoia e acompanha as ações das prefeituras, que possuem a responsabilidade de planejar políticas públicas para usuários de drogas e moradores em situação de rua.

REPORTAGEM ESPECIAL

PROSTITUIÇÃO E TRÁFICO EM CALÇADA

Local na Serra conta com sofá, armários e até televisão

/// TATIANA MOURA
tmoura@redgazeta.com.br

Cerca de 50 moradores de rua, entre eles usuários de drogas, transformaram a calçada de um prédio que está disponível para aluguel, no bairro Rosário de Fátima, na Serra, em uma mistura de casa com crackolândia. Por lá é possível encontrar sofá, colchão, fogão, armário, cadeira e até televisão. Segundo relatos de moradores e comerciantes, o local é usado para tráfico de drogas e prostituição, dia e noite.

Ainda de acordo com comerciantes, as brigas entre eles são constantes, tanto que dois já foram mortos nas imediações.

Em julho desse ano, A GAZETA já havia denunciado a situação. À época, a então secretária de Assistência Social da Serra, Elcimara Rangel, alegou que o município enfrenta dificuldades para reduzir a população de rua e que, dentre elas, está a obtenção de leitos psiquiátricos para a internação de pacientes moradores de rua.

Segundo a presidente da Associação de Moradores de Rosário de Fátima, Rita de Cássia Carneiro, 54, a situa-



FERNANDO MADEIRA

Grupo está morando em calçada de prédio na Serra. Há vários eletrodomésticos e móveis espalhados

ção no bairro ocorre há três anos, mas agravou-se em novembro do ano passado.

“Tudo começou com a implantação de um Centro Pop no bairro. Não tínhamos segurança, pois os moradores de rua passavam o dia lá, mas à noite estavam nas ruas trazendo medo. Em novembro, o

Centro Pop foi transferido para Jardim Limoeiro, alguns moradores foram para lá, e o restante continua na calçada do imóvel. Cada dia chega mais um.”

Rita conta que por diversas vezes já acionou a prefeitura. “Eles afirmam que a situação é complexa, pois não há lei que impeça

as pessoas de morarem nas ruas. Mandei e-mail para o proprietário do imóvel, mas não tive respostas”, diz.

Um comerciante de 65 anos, que prefere não ter a identidade revelada, afirma que o medo é constante, e que é preciso trabalhar com a porta trancada.

“Estamos desesperados. Perdi a vontade de organizar minha loja e deixá-la bonita, porque os clientes não vêm mais, têm medo. Além de lidar com a crise financeira, tenho que enfrentar essa situação.”

De acordo com ele, comerciantes são intimidados pelos moradores de rua, que

constantemente pedem dinheiro e ameaçam quem não dá. “Eu compro a minha liberdade. Por dia, vai cerca de R\$ 25 de esmolas. Não tenho coragem de peitá-los”, conta o comerciante.

O carteiro Adiel Silva Santos, 57, passa pelo local com frequência e afirma já ter visto cerca de 50 pessoas na calçada. “O poder público sabe do problema e não toma atitude para amenizar a situação das pessoas que vivem em situação de rua; dos moradores, que se sentem inseguros, e de quem passa pelo local, pois não sabemos o grau de periculosidade dessas pessoas.”

Em nota, a Polícia Militar ressaltou que acompanha as ações da Prefeitura da Serra, que tem a responsabilidade de planejar políticas públicas para usuários de drogas e moradores de rua. Disse ainda que o bairro conta com patrulhamento preventivo, que atende as ocorrências sempre que acionada, e que só pode prender indivíduos em flagrante delito.

VILA RUBIM

“A ‘FESTA’ DELES É APÓS AS 18H. A RUA FICA LOTADA”

Y.
Comerciante da Vila Rubim

“Estamos na Vila Rubim desde 2012 e a nossa vinda melhorou a situação do local, porque o nosso prédio, que é uma antiga loja de móveis, estava tomado por usuários de drogas. Colocamos iluminação, grades de contenção, mas vira e mexe pegamos eles furtando na

nossa loja, temos que ficar sempre de olho. Eles brigam entre si, abordam as pessoas nas ruas para pedir dinheiro, por isso os clientes acabam tendo preconceito de vir na Vila Rubim, pois acham que o local só tem drogados. A ‘festa’ deles é após as 18h, a rua fica lotada, e a prefeitura sabe disso. Mas a gente sabe que é uma coisa complicada, pois não se pode obrigar essas pessoas a saírem das ruas. Temos consciência que não tem como acabar com a situação.”



EDSON CHAGAS

Medo

Uma dona de casa de 26 anos, moradora de Rosário de Fátima, na Serra, diz ter medo de andar nas ruas do bairro por causa da calçada tomada por moradores de rua no local. Ela alega ter medo de ser assaltada ou estuprada.

PRAIA DA COSTA

“É TERRÍVEL CONVIVER COM INSEGURANÇA”

Z.
Morador da Praia da Costa

“É uma aglomeração de usuários de crack e mendigos, tudo junto, eles ficam em frente à Igreja Perpétuo Socorro, embaixo da Terceira Ponte. Já foi falado com a prefeitura e nenhuma providência foi tomada. Quarta-feira passada eu contei 26. Eles chegam aos poucos, começaram

INDIGNAÇÃO

“Perdi a vontade de organizar minha loja porque os clientes não vêm mais”

X.
COMERCIANTE DE ROSÁRIO DE FÁTIMA

“O poder público sabe do problema e não toma nenhuma atitude para amenizar a situação”

ADIEL SILVA SANTOS
CARTEIRO

constantemente pedem dinheiro e ameaçam quem não dá. “Eu compro a minha liberdade. Por dia, vai cerca de R\$ 25 de esmolas. Não tenho coragem de peitá-los”, conta o comerciante.

O carteiro Adiel Silva Santos, 57, passa pelo local com frequência e afirma já ter visto cerca de 50 pessoas na calçada. “O poder público sabe do problema e não toma atitude para amenizar a situação das pessoas que vivem em situação de rua; dos moradores, que se sentem inseguros, e de quem passa pelo local, pois não sabemos o grau de periculosidade dessas pessoas.”

Em nota, a Polícia Militar ressaltou que acompanha as ações da Prefeitura da Serra, que tem a responsabilidade de planejar políticas públicas para usuários de drogas e moradores de rua. Disse ainda que o bairro conta com patrulhamento preventivo, que atende as ocorrências sempre que acionada, e que só pode prender indivíduos em flagrante delito.

com dois. Da minha casa eu vejo eles usando drogas e fazendo necessidades fisiológicas. Eles se drogam mais à noite, porque de dia o movimento de pessoas é muito grande. Outro dia uma das moradoras de rua entrou na igreja para intimidar as pessoas com uma garrafa quebrada. É uma situação insustentável. Eles pedem dinheiro às pessoas, as intimidam e brigam muito entre eles. A situação é feia. É terrível conviver com essa insegurança. A gente sofre aqui.”

FERNANDO MADEIRA



Embaixo da Terceira Ponte
É comum ver moradores de rua e usuários de drogas embaixo da Terceira Ponte, em Vila Velha. Eles estão no local há 10 anos, segundo o vice-presidente da Associação de Moradores da Praia da Costa, Sebastião de Paula. A maioria dos comércios do entorno, diz, está contratando segurança particular ou trabalhando com as portas fechadas.

Recusa em aceitar tratamento é o problema, alegam prefeituras

Administrações oferecem serviços para recuperação dos dependentes químicos

/// **TATIANA MOURA**
tmoura@redgazeta.com.br

As prefeituras admitem ter dificuldades para acabar com as crackolândias. O principal desafio apontado por elas é que, para sair das ruas, o usuário de droga precisa aceitar receber tratamento adequado, o que na maioria das vezes não acontece.

A secretária de Gestão Estratégica de Vitória, Bianca Assis, assume que na Capital há três pontos considerados

críticos. “Na região da Vila Rubim e na Enseada do Suá, nas ruas Dukla de Aguiar e Ulisses Sarmiento, a gente enfrenta concentração de moradores de rua”, afirma.

Segundo ela, nesses pontos os trabalhos de abordagem social e do consultório de rua são intensificados. “Temos o Centro de Atenção Psicossocial, que é um local que oferece tratamento, temos inclusive o centro específico de álcool e drogas. Nossas equipes vão a esses locais diariamente e fazem o trabalho de abordagem. Mas é preciso que

a pessoa tenha o desejo de sair da rua”, diz.

Em Cariacica, mais de 70% dos moradores de rua são usuários de drogas. A afirmação é da coordenadora do Centro de Referência Especializado em Assistência Social (Creas) do município, Jackeline Barbosa Gonçalves.

“Quando eles fazem a sinalização de que querem tratamento de saúde, a gente encaminha para o Programa de Álcool e Drogas (Promad), que é um programa do município. E quando sinalizam que precisam de internação, encaminhamos

NAS RUAS

70%
são usuários

Percentual é de moradores de rua em Cariacica que consomem droga.

para o Provive, que é um programa estadual, nesse caso eles são internados em casas de recuperação distribuídas em todo o Estado.”

O município tem três pontos críticos. O viaduto da Ceasa, a alça da Segunda

Ponte (sentido Vitória) e dentro de Campo Grande, atrás de um supermercado.

Em nota, a Prefeitura da Serra informou que de um total de 163 moradores de rua, 41 são usuários de crack.

“O Centro de Atenção Psicossocial (Caps/AD) oferece tratamento contra álcool e drogas, em Laranjeiras. Interessados podem procurar o local, que conta com médico, assistente social, enfermeiro, psicólogo, farmacêutico, musicista, artista plástico, educador físico, auxiliar administrativo e técnico em en-

fermagem”, diz a nota.

Também por meio de nota, a Prefeitura de Vila Velha informou que tem cerca de 138 moradores em situação de rua, e que desse total, 52 se declaram usuários de drogas ilícitas.

No município, uma opção de tratamento para os moradores de rua é o Centro Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop). Vila Velha conta com o Caps e Rede Abraço – para o usuário que necessite de residências terapêuticas e de atendimento com relação a dependência química.

ACOLHIMENTO

“Cada caso requer uma estratégia”

/// “A estratégia não deve ser de combate ao crack. O que devemos adotar é o acolhimento dos usuários, fundamentado nos princípios do SUS, levando em consideração o que cada sujeito que usa crack visa como projeto de vida. Cada caso requer uma estratégia, cada sujeito deve ser escutado e não imposto a ele uma política pública,

sem que ele seja consultado se aquilo é o melhor para a vida dele. As cidades precisam ter planos de acolhimento a essas pessoas. Profissionais de Direito acreditam que a única forma de tratamento é a comunidade terapêutica. Eles defendem que, ao invés de ser preso, o usuário vá para uma comunidade terapêutica, porém mui-



tas vezes desconhecem outros métodos de tratamento. Precisamos de mais sensibilidade e menos autoritarismo.”

—
PABLO ORNELAS ROSA
DOUTOR EM CIÊNCIAS SOCIAIS
E PÓS-DOUTOR EM SOCIOLOGIA

CONDIÇÃO FAMILIAR

“Problema se deve a diversos fatores”

/// “Esse alastramento do uso do crack se deve a uma série de fatores: à modernização da fabricação e o barateamento das drogas, o crack é uma droga extremamente barata e de fácil acesso; outro fator que acredito contribuir é que a possibilidade de ganhar dinheiro traficando fez com que muita gente entrasse

nesse mundo. Igualmente há a destruturação familiar. Há famílias completamente instáveis, nessa situação as referências se perdem e quem não tem essa base encontra no crack a oportunidade de suprir necessidades sócioemocionais. A destruturação familiar é uma das maiores responsáveis pelos jovens acha-



rem que podem viver sem normas pré-estabelecidas, a gente vive uma sociedade de poucas normas e poucos valores.”

—
JOILTON SÉRGIO ROSA
SOCIÓLOGO